

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 10 – Informação e Memória

MEMÓRIA COLETIVA E ANTROPOLOGIA DA MEMÓRIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

COLLECTIVE MEMORY AND ANTHROPOLOGY OF MEMORY: A COMPARATIVE ANALYSIS

Antonio José Barbosa de Oliveira – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O artigo analisa as teorias de Maurice Halbwachs e Joel Candau sobre a memória. Halbwachs, pioneiro do conceito de memória coletiva, destaca sua construção social mediada por grupos. Candau amplia a discussão, incorporando a dimensão corporal e os rituais como perpetuadores do passado. Baseando-se nas obras *A Memória Coletiva* (2006) e *Antropologia da Memória* (2005), o estudo bibliográfico mostra que ambos rejeitam a visão individualista da memória, mas divergem na ênfase dada ao corpo, aos rituais e à materialidade. Conclui que suas perspectivas se complementam, enriquecendo a compreensão da memória como fenômeno social e cultural.

Palavras-chave: memória coletiva; antropologia da memória; práticas sociais.

Abstract: This article analyzes the theories of Maurice Halbwachs and Joel Candau on memory. Halbwachs, a pioneer of the concept of collective memory, emphasizes its social construction mediated by groups. Candau expands the discussion, incorporating the bodily dimension and rituals as perpetuators of the past. Based on the works *Collective Memory* (2006) and *Anthropology of Memory* (2005), the bibliography study shows that both reject the individualistic view of memory, but differ in the emphasis given to the body, rituals and materiality. It concludes that their perspectives complement each other, enriching the understanding of memory as a social and cultural phenomenon.

Keywords: collective memory; anthropology of memory; social practices

1 INTRODUÇÃO

A memória, enquanto fenômeno social e cultural, tem sido objeto de estudo central nas ciências humanas. Dois teóricos fundamentais nesse campo são Maurice Halbwachs e Joel Candau, cujas obras oferecem perspectivas distintas, porém complementares, sobre como as sociedades constroem, preservam e transmitem suas memórias. Halbwachs (2006), em *A Memória Coletiva*, destaca o papel dos grupos sociais e das instituições na formação das lembranças coletivas. Candau (2005), em *Antropologia da Memória*, amplia essa discussão ao incorporar a dimensão corporal e prática da memória. Este artigo tem como objetivo comparar e sintetizar as contribuições desses autores, explorando suas aproximações e diferenças. A relevância do tema reside na necessidade de compreender como a memória

opera não apenas como um processo cognitivo, mas como uma prática social dinâmica, influenciada também por contextos culturais e políticos.

2 METODOLOGIA

Este estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica crítica das obras centrais de Maurice Halbwachs (*A Memória Coletiva*) e Joel Candau (*Antropologia da Memória*), articulando suas perspectivas teóricas sobre a memória. A análise comparativa foi realizada em três etapas: 1. Contextualização teórica: Identificação dos conceitos-chave de cada autor, como "memória coletiva" (Halbwachs, 2006) e "memória corporal" (Candau, 2005); 2. Análise comparativa pela exploração das aproximações (como a rejeição ao individualismo) e divergências (ênfase no corpo *versus* instituições) e 3. Síntese interpretativa: Integração das contribuições de ambos para uma compreensão multidimensional da memória. A metodologia adotada privilegia a interpretação qualitativa, focando nas implicações sociais, culturais e políticas das teorias analisadas pelos autores.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Maurice Halbwachs: A Memória Coletiva

Maurice Halbwachs é um dos pioneiros no estudo da memória, especialmente no que diz respeito à sua relação com as estruturas sociais. A principal contribuição de Halbwachs (2006), em sua obra clássica, *A Memória Coletiva*, é sua ideia de que a memória individual não pode ser compreendida sem levar em conta o contexto social no qual ela se desenvolve. Ele argumenta que a memória é uma construção social, que só pode ser entendida através das interações entre os indivíduos e os grupos sociais aos quais pertencem. Nesta obra Halbwachs (2006) apresenta a noção de "memória coletiva", ou seja, a memória que é *compartilhada* por grupos e comunidades. Halbwachs (2006) enfatiza que a memória individual é influenciada pelas estruturas sociais, como a família, a religião, a escola e outros grupos sociais, que moldam as lembranças e a forma como os indivíduos se lembram de eventos passados. Na distinção entre a memória individual e a memória coletiva, afirma que a memória individual é constantemente moldada pelas normas e pela cultura do grupo em que a pessoa vive. Assim, para Halbwachs (2006), as lembranças não são apenas um reflexo do passado, mas também são construídas de acordo com as expectativas sociais e culturais do presente.

a. *Proposta Central do Autor: a crítica à visão individualista da memória*

Ao longo da obra, Halbwachs (2006) critica a visão individualista da memória, que era tradicionalmente entendida na Psicologia e na Filosofia como algo privado e independente do contexto social. Essa visão, para ele, é limitada e não consegue explicar como o passado é lembrado de maneira coletiva, como é o caso das sociedades ou grupos que preservam tradições orais ou eventos históricos. Ao fazer essa crítica, propõe uma nova forma de entender a memória, que é menos voltada para o indivíduo e mais voltada para os processos sociais e culturais que a estruturam. Halbwachs (2006) propõe que a memória não deve ser vista como um fenômeno isolado ou puramente subjetivo, mas como um produto social. Para ele, a lembrança de eventos passados é sempre construída em interações com o grupo ao qual o indivíduo pertence. Ele questiona a ideia de uma memória individual autônoma, sugerindo que nossas lembranças são, em grande parte, determinadas e estruturadas pelas normas, práticas e interesses dos grupos sociais aos quais pertencemos, como a família, a religião, o trabalho e a nação. Assim, a memória, longe de ser um arquivo mental isolado, é um fenômeno social e cultural. Argumenta que não é possível recordar algo sem a mediação do contexto social. A memória individual, portanto, não é apenas um processo cognitivo pessoal, mas está sempre vinculada a uma memória coletiva compartilhada pelo grupo. O autor descreve a memória coletiva como uma construção social, dinâmica e negociada entre os membros da sociedade. Em seu entendimento, os indivíduos recordam o passado a partir de um lugar específico na estrutura social, o que implica que os diferentes grupos ou sociedades podem recordar e reconstruir o passado de maneiras muito distintas, dependendo dos valores, interesses e necessidades sociais do momento.

b. *Memória Coletiva e Grupos Sociais*

A memória individual, segundo o autor, é limitada, pois é frequentemente influenciada pelas estruturas sociais. Já a memória coletiva transcende o indivíduo e é compartilhada entre os membros de uma comunidade, funcionando como uma rede de significados e símbolos culturais que moldam a maneira como as sociedades se lembram de eventos passados. Ao longo da obra, descreve como a memória coletiva é vivenciada através de vários grupos sociais: a família, o Estado, as instituições religiosas, etc. Cada um desses grupos organiza e seleciona as lembranças de maneiras diferentes, segundo suas necessidades e valores. Este é um ponto fundamental da obra, pois mostra como os grupos sociais podem, de fato,

“prescrever” o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, ajudando a construir a identidade coletiva. Ele também explica que, ao longo do tempo, certas memórias podem ser excluídas ou distorcidas, dependendo das necessidades políticas, sociais ou culturais do momento.

c. O Papel das Instituições na Memória Coletiva

Halbwachs (2006) enfatiza que a memória não se constrói apenas em nível informal, mas também é constantemente influenciada por instituições formais, como a escola, a religião, e o Estado. Essas instituições desempenham um papel crucial na transmissão das memórias, moldando as narrativas históricas e as representações do passado que são passadas de geração em geração. Através de histórias, mitos e discursos educacionais, as gerações mais jovens são ensinadas a lembrar e a entender certos eventos de acordo com a perspectiva oficial da sociedade. Em alguns casos, essa construção da memória pode ser manipulada para servir a objetivos políticos, como a legitimação de um regime ou a criação de um sentimento nacionalista. Em sua análise, Halbwachs (2006) também introduz a ideia de que a memória coletiva não é algo fixo ou imutável. Pelo contrário, ela está em constante transformação. As memórias coletivas podem ser alteradas com o tempo, à medida que novas interpretações e contextos surgem. As instituições têm um papel crucial nesse processo, sendo responsáveis por reafirmar ou revisar as memórias de um grupo.

d. A Memória Coletiva e a Política

Um aspecto importante do trabalho de Halbwachs (2006) é a análise das implicações políticas da memória coletiva. Ele argumenta que a memória coletiva pode ser uma ferramenta poderosa para a construção de identidade nacional e a coesão social, mas também pode ser usada de forma manipuladora para legitimar regimes políticos ou reforçar ideologias dominantes. Nesse contexto, a memória coletiva se torna um campo de disputa, onde diferentes grupos ou partes da sociedade tentam controlar a narrativa do passado para alcançar seus objetivos. Essa “política da memória” é um tema que Halbwachs (2006) não explora de maneira tão profunda quanto outros teóricos posteriores, mas sua obra estabelece as bases para a compreensão de como o controle da memória pode ser uma estratégia de poder.

3.2 Joel Candau: A Memória, o Corpo e as Práticas Sociais

Joel Candau (2005), por sua vez, se aproxima da memória a partir de uma perspectiva antropológica e fenomenológica. Embora compartilhe com Halbwachs (2006) a ênfase no caráter social da memória, Candau (2005) coloca um foco maior nas dimensões corporais e práticas da memória. Candau (2005) está particularmente interessado em como as memórias são armazenadas e expressas no corpo, na comunicação não verbal e nas práticas cotidianas dos indivíduos. Sua abordagem é mais sensível às dimensões físicas e corporais da memória, explorando como os gestos, os rituais e as práticas culturais influenciam a forma como a memória é preservada e transmitida. Candau (2005) critica, em certo sentido, a visão de Halbwachs (2006), que, apesar de destacar a importância do contexto social, tende a enfatizar a memória como um fenômeno predominantemente cognitivo e coletivo. Candau (2005), por outro lado, propõe que a memória não é apenas um processo intelectual, mas também um fenômeno físico, envolvendo o corpo e as práticas sociais que se manifestam nas ações do dia a dia. Ele propõe que a memória se constrói através da repetição de práticas e rituais que são, em muitos casos, ritualizados e corporificados. A memória, portanto, não é apenas uma reconstrução mental de eventos passados, mas também um processo de reconstituição através do corpo e da ação. Candau (2005) se interessa pelas relações entre memória e identidade, particularmente como as comunidades podem reconstituir sua identidade a partir da memória compartilhada. Ele examina como diferentes grupos sociais, como comunidades locais ou minorias, utilizam a memória coletiva para reforçar suas identidades e resistir à marginalização ou ao esquecimento. O livro *Antropologia da Memória* é uma obra significativa no campo da Antropologia, pois oferece uma perspectiva profunda e multifacetada sobre como as sociedades constroem, preservam e transmitem as suas memórias. O autor oferece uma reflexão sobre como as memórias não são apenas fenômenos mentais ou subjetivos, mas também experiências que estão profundamente enraizadas nas práticas cotidianas, nos corpos e nas relações sociais.

a. *A Memória como Prática Social*

Uma das primeiras e mais marcantes contribuições de Candau (2005) é a sua concepção de memória enquanto prática social. Ao invés de seguir a tendência de teorias anteriores, que tratavam a memória principalmente como um processo cognitivo ou

psicológico, Candau (2005) posiciona a memória dentro do âmbito das práticas culturais e sociais. Para ele, a memória não é apenas o que guardamos em nossa mente, mas aquilo que é constantemente reconstituído e reatualizado nas interações sociais. A memória é vivenciada e experimentada no cotidiano, nas práticas ritualísticas, nos gestos corporais, nas narrativas compartilhadas, nas festas e nas celebrações. Essa visão permite que Candau (2005) se afaste de uma concepção simplista de memória, onde ela seria apenas um "armazenamento" de informações passadas, destacando que a memória está intimamente ligada ao espaço social e ao contexto cultural, sendo construída, muitas vezes, através de rituais coletivos que buscam reforçar a coesão de um grupo ou comunidade. Isso é particularmente visível nas práticas de lembrança de eventos importantes para um grupo, como rituais religiosos, comemorações de datas históricas e a preservação de tradições orais.

b. A Memória e o Corpo: A Dimensão Material e Física

Um dos aspectos mais importantes da obra de Candau (2005) é sua ênfase no *papel do corpo na construção da memória*. Enquanto muitas abordagens, especialmente as que seguem as influências de Halbwachs (2006), tendem a ver a memória como um processo cognitivo ou simbólico, Candau (2005) destaca o corpo como um mediador crucial na formação e transmissão das memórias. Para Candau (2005), o corpo não é apenas o recipiente passivo da memória, mas um "veículo ativo" que a produz e a transmite. Essa concepção é particularmente importante para a Antropologia, pois ela conecta a memória à materialidade e à fisicalidade dos gestos, das posturas e das ações cotidianas. A memória não é apenas uma representação mental; ela se expressa e se materializa no corpo, no movimento e na ação. Além disso, Candau (2005) destaca a importância da "memória do corpo" nas tradições orais e nos rituais. A repetição de gestos, de danças e de posturas corporais nas práticas culturais permite que os indivíduos e os grupos mantenham uma continuidade entre o passado e o presente. Dessa forma, o corpo se torna um meio de transmissão da memória, onde o gesto e a ação não são apenas reações automáticas, mas formas ativas de lembrar e de preservar o passado.

c. Memória, Identidade e Esquecimento

Candau (2005) também explora como a memória está ligada à construção de identidade, tanto a nível individual quanto coletivo. Ele argumenta que a memória

desempenha um papel crucial na formação das identidades culturais e sociais, ajudando os indivíduos a se situarem dentro de um contexto histórico e coletivo. A memória, portanto, não é apenas uma ferramenta de lembrança, mas também um elemento essencial na constituição de quem somos, seja como indivíduos ou como membros de uma comunidade. As memórias compartilhadas, as histórias e os mitos coletivos ajudam a reforçar os laços sociais e a criar uma identidade comum. Por outro lado, Candau (2005) também aborda o esquecimento como um processo paralelo à memória. O esquecimento não é simplesmente a perda de informações, mas uma forma ativa de seleção, de escolha do que é importante e do que pode ser descartado. Em muitos casos, o esquecimento é um mecanismo necessário para que um grupo ou uma sociedade se reconfigure, seja para apagar traumas, seja para criar uma nova narrativa sobre o passado. O esquecimento, portanto, é também um processo socialmente mediado, que ocorre dentro de um contexto cultural e histórico específico. Esse ponto é particularmente relevante quando se pensa em contextos de pós-conflito ou pós-trauma, onde o processo de memória e esquecimento pode ser manipulado para reconstituir a narrativa histórica de uma nação ou grupo. Candau (2005) sugere que, em certos momentos históricos, a memória coletiva de um grupo pode ser seletivamente editada para criar uma versão mais "digesta" ou coerente do passado, muitas vezes com o objetivo de consolidar a paz social ou de reforçar uma identidade nacional.

d. A Memória em Diferentes Contextos Culturais

Candau (2005) também oferece uma análise comparativa da memória em diferentes contextos culturais, o que o permite explorar as diversas formas de se lembrar e de se esquecer. Ele argumenta que a memória não é um fenômeno universal, mas varia de acordo com a cultura e as práticas sociais de cada grupo. O que é lembrado e como é lembrado, bem como o que é esquecido e ignorado, são sempre mediados por valores culturais específicos. Isso significa que a memória de um evento ou processo histórico pode ser reconstruída de maneiras muito distintas em diferentes contextos sociais. Candau (2005) explora como diferentes sociedades tratam o passado e as maneiras pelas quais elas institucionalizam a memória. Em sociedades tradicionais, por exemplo, a memória pode ser preservada de forma oral, através de narrativas contadas em comunidade. Em outras sociedades, mais modernas ou ocidentalizadas, a memória é frequentemente mediada por instituições formais, como

museus, arquivos e escolas. Candau (2005) examina as implicações dessas diferenças, destacando como elas influenciam as identidades culturais e as dinâmicas de poder.

e. A Memória e as Transformações Sociais

Em *Antropologia da Memória*, Candau (2005) também dedica atenção às transformações sociais que afetam o modo como as memórias são preservadas e transmitidas. Ele analisa como, em tempos de grande mudança social e política, as formas de lembrar e de transmitir o passado podem ser alteradas. A modernização, a globalização e os avanços tecnológicos têm impactos significativos na maneira como a memória é mantida. O surgimento de novas mídias e tecnologias, como o cinema, a fotografia e, mais recentemente, a internet, modifica a forma como as sociedades se relacionam com o passado. Candau (2005) observa que essas mudanças podem levar a uma "desmaterialização" da memória, um afastamento das formas tradicionais de lembrança, que estavam diretamente ligadas a rituais corporais e ações sociais. A memória começa a ser armazenada e acessada de maneiras mais impessoais e abstratas, muitas vezes em arquivos digitais e registros eletrônicos, o que traz consigo tanto oportunidades quanto desafios para a preservação das tradições culturais.

3.3 Aproximações entre Halbwachs e Candau

Apesar das diferenças, há algumas aproximações entre as abordagens de Candau (2005) e Halbwachs (2006). Ambos concordam que a memória não é uma propriedade puramente individual, mas um fenômeno socialmente mediado. Ambos rejeitam uma visão essencialista da memória, ou seja, a ideia de que a memória é simplesmente um reflexo direto de eventos passados. Em vez disso, ambos afirmam que a memória é moldada pelas relações sociais, culturais e históricas em que os indivíduos estão imersos. Além disso, reconhecem a importância das narrativas compartilhadas na construção da memória coletiva. Para Halbwachs (2006), essas narrativas são mediadas pelas instituições sociais, enquanto para Candau (2005), as práticas sociais cotidianas e os gestos desempenham um papel central na formação dessas narrativas. Ambos, portanto, veem a memória como uma prática social complexa, em que o passado não é simplesmente lembrado, mas é constantemente reconstituído e reinterpretado. Também alertam para os usos políticos da memória, seja através da manipulação de narrativas (Halbwachs, 2006) ou da seleção cultural do

esquecimento (Candau, 2005). Essa dualidade entre lembrança e esquecimento ressalta o caráter contestador da memória, que serve tanto à coesão social quanto à resistência identitária.

3.4 Diferenças fundamentais nas abordagens

A principal diferença entre Candau (2005) e Halbwachs (2006) reside na ênfase dada ao corpo e à materialidade da memória. Halbwachs (2006), embora reconheça a importância dos grupos sociais, tende a tratar a memória de maneira mais abstrata e cognitiva. Sua preocupação principal é como os grupos sociais constroem coletivamente as narrativas do passado, sem se concentrar muito na dimensão física da memória. Candau (2005), por outro lado, traz uma perspectiva mais fenomenológica, preocupando-se com a maneira como a memória é vivida e praticada no corpo. Para Candau (2005), a memória não é apenas um processo intelectual ou coletivo, mas também uma prática material e sensorial. Ele se interessa, por exemplo, por como certos gestos, lugares e rituais tornam-se veículos para a preservação e transmissão da memória. Ele propõe que a memória não é apenas um "registro mental", mas também uma "impressão" deixada no corpo, e que as práticas corporais desempenham um papel crucial na constituição da memória coletiva. Outra diferença significativa diz respeito à visão de Halbwachs (2006) sobre a memória coletiva e a política. Halbwachs (2006) tem uma análise mais sistemática sobre como a memória coletiva pode ser manipulada para fins políticos, enfatizando a seleção e o esquecimento de certos eventos históricos. Candau (2005), embora também considere a relação entre memória e identidade, foca mais nas práticas cotidianas e na maneira como as memórias são transmitidas e preservadas em nível local, sem necessariamente fazer uma análise mais política e crítica do fenômeno.

4 TECENDO ALGUMAS CONCLUSÕES: O QUE APREENDER DAS OBRAS?

A *Memória Coletiva* de Maurice Halbwachs (2006) é uma obra essencial para quem deseja entender a complexa relação entre memória, sociedade e cultura. Através de sua análise, Halbwachs (2006) inaugura uma nova forma de pensar a memória, não como um fenômeno isolado ou individual, mas como algo profundamente entrelaçado com as estruturas sociais e as práticas culturais dos grupos. Seu trabalho não apenas transformou os estudos da memória, mas também abriu caminho para a reflexão sobre como as sociedades

constroem e manipulam suas narrativas históricas, criando um campo de investigação que é ainda relevante e atual nos dias de hoje. Ao destacar que a memória é, antes de tudo, um fenômeno coletivo e social, Halbwachs (2006) oferece uma visão profundamente crítica e esclarecedora sobre como as lembranças do passado são moldadas pelas forças sociais e políticas.

Por sua vez, Antropologia da Memória é uma obra essencial para entender como a memória se constrói e se transmite dentro das sociedades humanas. Candau (2005) traz uma perspectiva enriquecedora ao colocar o corpo, as práticas sociais e as dimensões materiais da memória no centro de sua análise, destacando que a memória não é apenas um fenômeno mental, mas uma prática profundamente enraizada nas culturas e nos contextos sociais. Sua abordagem também é crucial para compreender como a memória é mediada por questões de poder, identidade e pertencimento, e como ela pode ser manipulada ou distorcida em contextos políticos e históricos. A obra oferece uma reflexão abrangente sobre as formas em que as sociedades preservam o passado e como o esquecimento e a seleção são parte integrante da construção da memória coletiva. Dessa forma, busca entender as complexidades da memória, suas dinâmicas sociais e suas implicações culturais. O diálogo entre Halbwachs (2006) e Candau (2005) enriquece os estudos da memória, integrando dimensões cognitivas, sociais e materiais. Futuras pesquisas poderão explorar como suas teorias se aplicam a contextos contemporâneos, como a digitalização da memória ou os movimentos sociais que reivindicam revisões históricas.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Joel. **Antropologia da Memória**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.